GALERIA DE ESCRIPTORES BRASILEIROS

JOSÉ BASILIO DA GAMA

O URUGUAY

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

POR

Francisco Pacheco

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & COMP.

RIO DE JANEIRO — 46, Rua Gonçalves Dias, 46

S. PAULO — 9, Rua da Quitanda, 9

1898

O

URUGUAY

LIVROS NO PRÉLO — DE FRANCISCO PACHECO

Dois poetas — Bocage e Basilio — com um prefacio de Teixeira Bastos.

Esbocetos — Literatos e politicos.

A evasão do sr. Viegas — Apuntos e commentos d'um emigrado politico.

6

GALERIA DE ESCRIPTORES BRASILEIROS

JOSÉ BASILIO DA GAMA

O URUGUAY

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

POR

Francisco Pacheco

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & COMP.

RIO DE JANEIRO — Rua Gonçalves Dias, 46 || S. PAULO — 9, Rua da Quitanda, 9

1893

Veem do tempo do terrivel espectro dos roupetas os mais penetrantes cerebros da porvindoura nacionalidade brasileira. Não fallamos já de Alexandre de Gusmão, o perspicaz e illustrado ministro de D. João V, irmão de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor dos balões, gloria que os francezes Montgolfier querem latrocinar ao Brasil e a Portugal. Este benemerito padre foi morrer a Toledo, em 18 de novembro de 1724, acossado pelo negregado jesuitismo, que queria tudo feito em nome e pela graça de Deus.

Uma das individualidades preponderantes n'aquelle estadio foi incontestavelmente D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, bispo de Zenopolis e mais tarde de Coimbra, o primeiro reitor da Universidade reformada por Pombal, que depois disse a alguem ter sido feliz na escolha. Th. Braga estampou um volume sobre Francisco de Lemos e a orientação que imprimiu aos estudos universitarios.

Frei José de Santa Rita Durão, lente de theologia na epoca da reitoria de Lemos, figura sem desdouro ao lado d'aquelle eleito de Sebastião José de Carvalho.

Durão nasceu na cidade de Marianna, no anno de 1737. Foi educado em Coimbra e esteve em Roma com Basilio da Gama. A sua principal obra chama-se *O Caramurú*, poema-romance, que foi escripto, segundo elle proprio declara no proemio, por amor da patria. Deu-o á publicidade em 1781. O thema cifra-se no naufragio de Diogo Alvares Correia, portuguez, natural de Vianna do Castello, que arribou em 1510 á bahia de Todos os Santos. Viveu entre os gentios Tupinambás, cujos usos e costumes as-

que se enflora com um titulo assás espaventoso — *Musica do Parnaso, dividido em quatro choros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com o seu descante comico reduzido em duas comedias.*

Os padres Antonio de Sá e Manuel de Macedo, tidos por discipulos de Antonio Vieira, que obrou prodigios nas plagas de Santa Cruz, alcançaram notoria fama de oradores sagrados.

Jacob de Andrade Vellosino, medico e naturalista, ouvinte de Pizon e Margraff, conseguiu salientar-se em alguns ramos scientificos.

Sebastião da Rocha Pitta deu a lume uma *Historia da America Portugueza, desde o descobrimento até 1724.*

No seculo XVIII toca o seu auge a intellectualidade de Vera Cruz. « A superioridade litteraria, diz Th. Braga, revelava-se entre os escriptores do Brasil que, pelo influxo da Revolução, serviam a causa da emancipação d'essa explorada colonia, que aspirava a uma legitima autonomia politica ».

Portugal jazia sob as asphyxiantes alçadas do corregedor Pina Manique, o phantasma do encyclopedismo. A piedosa Maria I depunha cega confiança no famigerado esbirro, que fomentava, *bon gré, mal gré*, o soturno terror manso.

D'ahi resultou, e ainda bem, o levantamento espiritual dos brasileiros, os quaes já no consulado de Pombal tinham erguido altaneiramente a amollentada cerviz.

S. Gonçalo de Amarante e *Os Amantes de escabeche*, que outros juram ter a paternidade de Alexandre Antonio de Lima.

Antonio José perjurou a religião de seus paes, depois de soffrer tratos de polé na Inquisição. Apossou-se d'elle uma grande tristeza e tornou-se monomaniaco catholico. Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido por *O Cavalheiro de Oliveira*, diligenciou arreda-lo d'estas suas endoudecedoras apprehensões, fazendo-o voltar á vida real. Oliveira falla largamente de Antonio José no seu *Amusement périodique*.

O prolifico comediographo morreu ás mãos do cardeal da Cunha. Foi denunciado por Duarte Cottinel Franco, dando credito ao que avança Camillo Castello Branco no seu romance historico *O Judeu*. Cottinel, contador-mór dos infantes, delatou o *Judeu*,— do qual se fingia amicissimo, promettendo avisa-lo no caso de qualquer ameaça—, por intermedio de Feliciana, antiga escrava brasileira da familia de Antonio José, envenenando-a em seguida. O fito do miseravel era subtrahir ao infeliz hebreu cento e cincoenta mil cruzados, quantia de que era depositario.— O auto de fé effectuou-se em 18 de outubro de 1739, *em nome das entranhas misericordiosas de Nosso Senhor Jesus Christo!*

Francisco de Mello Franco, distinctissimo medico, que foi, juntamente com o grande mathematico José Anastacio da Cunha e o eximio naturalista Felix d'Avellar Brotero, perseguido pela Inquisição, escreveu *Noites de insomnia*, parece que entre as masmorras e *O reino da estupidez*, filiado no genero d'*O Hyssope*, de Diniz. Este

poema heroe-comico, que eccoou, inscreve um motejo contra os lentes adversos á reforma universitaria de Pombal.

Sousa Caldas, o auctor das cantatas *Homem Selvagem* e *Noites philosophicas* e das odes *Immortalidade da alma*, *Creação*, *Existencia de Deus*, *Virtude da religião christã*, *Necessidade da revelação* e *Pygmalião*.

Hypolito Soares—, Pinheiro e outros dizem Pereira—, o patriarcha do jornalismo brasilico, que encetou em 1807 a publicação do *Correio Brasiliense*.—Moraes e Silva, auctor do primeiro diccionario da lingua portugueza.

Alvarenga Peixoto, na Arcadia *Alcindo Palmireno*, amigo devotado de Basilio da Gama, entremostrou em 1801 *Glaura*, nome da sua noiva ,dois poemas facetos, algumas allegorias, *Templo de Neptuno* e *Gruta Americana*.

O padre Caldas Barbosa, um dos fundadores da Arcadia estabelecida no palacio do Conde de Pombeiro, depois marquez de Bellas, vulgarisou em Portugal as *modinhas* brasileiras, forma poetica tradicional e que, desde o seculo XVI, vogava entre os colonos do Brasil. Caldas Barbosa, que dava pelo cognome pastoril de *Lereno Selinuntino*, explorou esta corrente, improvisando a *Viola de Lereno*. Bocage, o mordente sarcasta, não perdoou esta ephemera innovação a *Lereno*, que se viu forçado a fugir aos epigrammas do inaturavel *Elmano Sadino*, nosso glorioso conterraneo.

No seculo XVIII perduraram ainda os brasileiros Conceição Velloso, auctor da *Flora fluminense* e d'outros trabalhos naturalistas, Alexandre Ferreira e José Bo-

nifacio de Andrade e Silva, o Messias da Independencia, que se dedicavam a aturadas explorações mineralogicas.

III

Passemos agora a occupar-nos de Basilio da Gama,— uma vez que já traçámos a remota origem da literatura brasilica e descortinámos a fonte da evolução politico-democratica da actual Republica dos Estados Unidos do Brasil. Suppomos ter documentado, gisando a rota do pensamento no seculo XVIII, que a politica se tem desenrolado parallelamente á literatura.

José Basilio da Gama nasceu, em 1740, na aldeia, subsequentemente villa, de S. José do Rio das Mortes, hoje cidade de Tiradentes, no Estado de Minas Geraes. Foram seus progenitores o capitão-mór Manuel da Costa Villas Boas e Quiteria Ignacia da Gama, membros de familias illustres, que se vangloriavam de possuir solar e quinta em Barcellos, desde el-rei D. Pedro I.

Os paes de Basilio mandaram-o em tenra edade para o Rio de Janeiro, recommendando-o ao brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, que o entregou, aos 15 annos, á companhia de Jesus, o temeroso Gilliatt d'aquellas éras.

Basilio, quando chegou ao ultramar o decreto anti-jesuitico de Pombal, frequentava as aulas ha 4 annos. O futuro Poeta, que não passava de noviço, preferiu abandonar o habito e proseguir os seus estudos no seminario episcopal de S. José, creado por provisão do bispo Antonio de Guadelupe, datada de 3 de fevereiro de 1739.

Era protegido por Gomes Freire d'Andrade, conde de Bobadella, então governador geral do Brasil. O bispo Antonio do Desterro, successor de Guadelupe, estimava-o semelhantemente.

Depois do fallecimento de Bobadella, occorrido em 1 de janeiro de 1763, por causa da tomada da colonia do Sacramento pelos hespanhoes, pediu á familia licença para marchar a caminho de Lisboa, afim de estudar na Universidade.

Em Lisboa, apesar das muitas recommendações, lançaram-o ao ostracismo, por se ter propalado que estava arregimentado na monteada seita jesuitica.

Dizem as chronicas dos loyolistas que estes o levaram da capital lusitana para Roma, onde se relacionou com as summidades theologicas e literarias. Em 1763 entrou para a Arcadia Romana, sob a mascara de *Termindo Sepilio.* Esta Academia foi instituida, em 1690, por João Gravina, Mario Crezimberú e Vicente Fellicaia.

A cidade-séde do Vaticano entediou-o. Seguiu para Napoles e d'ali para Portugal, d'onde se encaminhou para o Rio. Momentos após o desembarque foi denunciado, preso e remettido para o ninho em que se acoutava a tremebunda aguia pombalina!

Na velha Ulyssipo obrigaram-o a referendar um termo da Inconfidencia, que lhe marcava o praso de 6 mezes para marchar com rumo a Angola.

Entretanto o papa Clemente XIV, varridas todas as tibiezas, abolia, em 23 de julho de 1773, pelo breve *Dominus a Redemptor noster*, a companhia de Jesus. Pombal exhultava com a confirmação papal do seu decreto de 2

dagosto de de 1759. Anteriormente havia sido plagiado, pelo ministro francez Choiseul em 1764 e pelo ministro hespanhol Aranda em 1767.

Ia casar-se, quiçá para solemnisar o estrondoso acontecimento, uma filha do tigrino marquez, a sr^a^. D. Maria Amalia. Basilio, povoada a mente de terrores, lembra-se de compôr um epithalamio.

> Eu não verei passar teus doces annos,
> Alma de amor e de piedade cheia;
> Esperam-me os desertos africanos,
> Aspera, inculta e monstruosa areia...

Pombal mandou-o chamar, perdoou-lhe o exilio e, por portaria de 25 de junho de 1774, nomeou-o official da secretaria do reino, em cujas funcções lhe confiou encargos de importancia.

No desempenho d'este logar principiou talvez a escrever *O Uruguay*, embora diga na nota 14 do 1º canto o seguinte: — « Os jesuitas tiveram a animosidade de negar por toda a Europa o que se passou na America, nos nossos dias, á vista de dois exercitos. O auctor o experimentou em Roma, onde muitas pessoas o buscavam, só para saberem com fundamento as noticias do Uruguay, testemunhando um estranho contentamento por encontrarem um americano que os podia informar miudamente de todo o succedido. *A admiração que causava a estranhesa de factos, entre nós tão conhecidos, fez nascer as primeiras idéas d'este poema* ».

O ferreo chanceller de D. José exerceu sem duvida razoavel pressão no animo de Basilio. As suas energicas resoluções foram naturalmente a causa determinante da

feitura d'*O Uruguay*, setta vibrada desapiedadamente contra o negro jesuitismo.

N'este comenos Pombal, vergando á crua irrisão do Destino, foi apeado do seu pedestal de bronze. O beaterio amordaçou Maria I e coagiu-a a exonerar e desterrar o omnipotente secretario de Estado. Basilio, ao invéz da maior parte, conservou-se fiel ao seu benemerito patrocinador.

Os jesuitas, campeando infrenemente, acoimaram Basilio. Estas accusações e a fidelidade ao ministro calumniado tombaram-o do funccionalismo.

O arrogante bardo voltou de novo ao patrio Rio. Era então vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, homem illustrado. Occupava o bispado carioca D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco. Acolheram-o esplendidamente. Maria I, a rogo de Vasconcellos, concedeu a Basilio o titulo de escudeiro fidalgo e cavalleiro, por carta regia de 6 de agosto de 1787. Esta graça permittia-lhe o magnifico goso de 750 réis diarios e moradia!

O conde de Resende, porém, substituto de Luiz de Vasconcellos, aborrecia e tremia dos poetas. Julgava-os, na sua candida bronquidão, entes perniciosos e subversivos. De maneira que atenazou o mil vezes foragido cantor.

Basilio novamente afez as malas para Lisboa. Ali foi nomeado socio correspondente da Academia, em 11 de fevereiro de 1795, e condecorado com o habito da ordem de S. Thiago.

Por ultimo vivia afastado, repousando d'uma vida attribulada e fatigosa, curando-se de varios achaques nas

aguas de Mó, visinhanças de Coimbra. — Os seus restos mortaes foram recolhidos na igreja matriz da Boa Hora, em Belem, villa hoje adstricta á circumscripção de Lisboa.

Basilio da Gama, que se finou em 31 de julho de 1795 — prefazendo, portanto, 55 annos —, era de estatura mediana, rosto trigueiro, caracter jovial e espirituoso.

*
* *

Basilio da Gama pertenceu á Arcadia bafejada por Pombal. Teve por companheiros Antonio Diniz da Cruz e Silva, Pedro Correia Garção, Reis Quita e o desembargador Negrão. Era modelada pela Romana e estava installada no monte Menalo. O novo Mecenas inclinou a sua condescendencia para os auctores do *Hyssope* e do *Uruguay*. D'esta Academia derivou a de José Agostinho e Bocage, onde se encontraram os brasileiros Durão, padre Caldas, Conceição Velloso, José Bonifacio, Alexandre Ferreira, etc.

O eloquente epico luso-brasileiro militou tambem na Arcadia Ultramarina, cuja existencia muitos historiadores põem em duvida, entre elles Norberto de Sousa e Silva, e Fernandes Pinheiro. Contou por confrades n'aquella remançosa thebaida Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, José Ferreira Cardoso, Manuel de Arruda Camara e Conceição Velloso.

Adrede frisa Th. Braga que « o unico talento da Academia Ultramarina foi José Basilio da Gama, revelado na comprehensão da epopeia — no seu *Uruguay* —,

em que conta a lucta dos portuguezes contra os indios do Paraguay, revoltados pelos jesuitas em 1756; os costumes selvagens absorveram a attenção do poeta, que chega a inspirar sympathia pelos revoltosos; na forma rompe com a velha machina mythologica e com a prolixidade insulsa dos seus contemporaneos ».

Basilio tem sido biographado diversas vezes — a primeira na *Revista trimensal*, do Instituto Historico e Geographico do Brasil, tomo I, pag. 139; a segunda n'*O Ramalhete*, jornal de Lisboa, tomo VI, pag. 21, por Costa e Silva; a terceira nos *Epicos brasileiros* — Basilio e Durão —, em 1845, pag. 384, por Francisco Adolpho Varnhagen; a quarta no *Plutarcho brasileiro* ou *Varões illustres do Brasil, durante os tempos coloniaes*, pelo Dr. João Manuel Pereira da Silva.

Ratton, nas suas *Recordações*, de pags. 320 a 24, assegura que Basilio, na qualidade d'official de secretaria, escreveu o *Regimento da Inquisição*, que foi publicado em nome do cardeal da Cunha, assim como o respectivo alvará confirmativo, datado de 1 de setembro de 1774. Isto sob o dictado de Pombal.

Innocencio, no seu inexcedivel *Diccionario Bibliographico*, archiva as seguintes obras de Basilio da Gama: —

O Uruguay, — primitivamente *O Uraguay* —, poema-romance, em endecassyllabo solto, impresso pela primeira vez em 1769, na Regia Officina Typographica. D'esta edição fizeram-se 1036 exemplares. Juntou-se ao poema uma *Relação abreviada da Republica que os religiosos jesuitas das provincias das duas monarchias*

etc. Os sotainas, transcorridos 17 annos, expelliram de Lugano, em 1786, uma *Resposta apologetica ao poema intitulado O Uruguay, composto por José Basilio da Gama e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal.*

O *Uruguay* foi reimpresso, pela vez primeira, na Imprensa Regia do Rio, em 1811. Contem dois sonetos encomiasticos do poema no fim do volume. Em 1822 fez-se a segunda reedição e em 1845 a terceira. Varnhagen, n'esta edição, alterou grande parte das notas de Basilio.

Garrett, no *Parnaso Lusitano*, diz : — « O *Uruguay*, de José Basilio da Gama, é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes muito bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa da sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional e legitima americana ».

Sylvio Romero, critico arisco umas vezes e justo outras, exprime-se d'este modo : — « N'aquelle tempo, no fim de um romantico episodio, era preciso ter muito talento para dizer de uma pallida e triste moça, que morrera e que era linda

Tanto era bella no seu rosto a morte!

Nada se encontra, em nossas falladas epopeias dos ultimos tempos, que se levante áquella altura ».

A acção do poema é limitada. Desenvolve-se de 17 de janeiro de 1756 a fins d'este anno. O conego Fernandes Pinheiro dizia possuir um diario minucioso e fiel d'esta intrincada e indefinida campanha. Esta questão durou seculo e meio, pois tendo começado em 1679 só terminou em 1828, pela proclamação do Uruguay em Republica independente. Em 1 de outubro de 1777, epoca em que se fez o segundo tratado de limites, devido á intervenção de D. José Monino, conde de Florida Branca, mais tarde celebre ministro hespanhol, houve um apaziguamento. Mas em 1821 reaccendeu-se a destruidora guerra jesuitica, cancro minaz de muitas republicas da America, que se prolongou até 1828.

A celebrisação heraldica, incarnada em Bobadella, Cepé Tiarayu e Cacambo, affrouxa, portanto, um pouco o valor do poema. A sequencia historica tem d'estes contras. Pereira da Silva, porém, colloca no seu justo plano os garridos esplendores do *Uruguay*. — « Patenteava Basilio da Gama aos olhos europeus,—accentua o atilado critico e erudito investigador—, um panorama novo e abrilhantado de incognitas côres, ousando, primeiro que nenhum outro poeta do mundo, pintar a natureza brasilica, esboçar scenas da historia americana, opulentar o painel com as arvores, os passaros, o perfume das flôres e o diaphano do céo da sua patria e escrever um romance em verso a respeito de acontecimentos verificados nas margens do rio Uruguay e nas saudosas missões Guaraniticas ».

N'estas corredias linhas gisa-se com inteira propriedade o merito d' O *Uruguay*. Dispensamo-nos, por conseguinte, de pormenorisar o estudo sobre os cantos, cada um de per si.

Prosigamos no raconto das producções de Basilio.

A Liberdade, do Sr. Pedro Metastasio, poeta cesareo, com a traducção franceza de mr. Rousseau, de Genebra, e a portugueza de Termindo, poeta arcade. 1773.—Os Campos Elyseos, oitavas de Termindo Sepilio, aos illms. e exms. srs. condes da Redinha. Este cantico foi feito por occasião do enlace da familia Redinha com a de Pombal.—*Lenitivo da saudade, na morte do exmo. sr. D. José, principe do Brasil, pio, religioso, liberalissimo*, por um anonymo. 1788.—*O Quitubia*, escripto em novembro de 1791, sem assignatura. Poemeto em versos endecassyllabos pareados.—Na *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes* veem duas odes, sendo uma a D. José I, e quatro sonetos. No *Parnaso brasileiro*, do conego Januario da Cunha Barbosa, nota-se, alem do acima apontado,—*Soneto a uma senhora* ; *Epithalamio ás nupcias da sra. D. Maria Amalia, filha do marquez de Pombal*, em 15 oitavas; *Canto ao marquez de Pombal*, em 12 oitavas ; *Soneto ao Inca do Perú*, que sustentava guerra contra os hespanhoes ; *A declamação tragica*, feito em 1772, poemeto dedicado ás Bellas Artes. E' formado por 238 versos alexandrinos. Tinha já visto a luz no *Jornal Encyclopedico*, de Lisboa. Parece que este poemeto foi suggerido pela *Declamação theatral*, de Claudio José Dorat, poeta francez.—*Soneto ao marquez de Pombal*;—*Soneto ao dito*, dedicando-lhe o *Uruguay*;—*Soneto a Nossa Senhora* ;—*Soneto á rainha Maria I* ; — *Soneto á nau Serpente*;—*Soneto a el-rey D. José I*, no dia da erecção da estatua equestre. Imprimiu-se junto com um outro soneto do dr. Ignacio José d'Alvarenga, amigo intimo de Ba-

silio; — *Soneto*, que principia « Já Marfisa cruel me não maltrata » ; — *Soneto* — satyra contra o padre Manuel de Macedo; — *O Entrudo*, satyra em 156 versos endecasyllabos, composta por occasião da contenda entre Macedo e Domingos Monteiro, provocada pela ode do padre em louvor de Zamperini. Alguns historiadores dizem que *O Entrudo* é de Alvarenga. Costa e Silva, todavia, garante que é de Basilio. — *Glosa improvisada em decimas*, no *Jornal de Coimbra*, com motte fornecido pelo duque de Lafões, D. João de Bragança ; — *Sonetos dedicados á entrada dos galeões hespanhoes*, no momento da inauguração da estatua de D. José. Costa e Silva falla d'estas composições, que se suppõe terem desapparecido, no *Elogio Historico de Cypriano Ribeiro Freire*. —*Ode a Pombal*, que rompe «Não o vil interesse de ouro ou prata». Ha quem attribua esta ode a Filinto Elysio. Mas, afinal, vemo-la enfeixada nas *Obras* de Nicolau Tolentino.

Pereira da Silva, afora as obras mencionadas por Innocencio, allude ainda a tragedias de Basilio, que não se imprimiram.

Provavelmente evolaram-se no sacro fogo dos queimadeiros jesuitico-inquisitoriaes, a cujas vistas se escapuliu o brazeo libello do *Uruguay*.

Concluimos n'esta altura o nosso humilimo e ligeiro estudo politico-literario d'estas cabraleas terras nos seculos XVI, XVII e XVIII. Antes, porém, de firmar este bosquejo—concatenado em tres nevoentas tardes—permitta-se-nos que levantemos bem alto a iniciativa da mocidade escolastica do Brasil, que, no geral, soube comprehender e glorificar o irradiante creador da literatura nacional.

A Commemoração do Centenario Basiliano promette sacudir a marasmatica atonia literaria d'estas extensas e adustas regiões. E' tempo de arremeçar para longe o jugo prepotente do argentario e clangorar o sorrisonho advento da emancipação intellectual. O grau de civilisação d'um povo afere-se pelo numero de leitores e não pela quantidade de casas bancarias e estabelecimentos commerciaes. Saiba a briosa juventude procreada n'estas pujantissimas brenhas acatar as lições que a Historia ministra — conjugação da Literatura com a Politica — e terá solidificado e engrandecido a immensa Nacionalidade que lhe foi berço. Faça-se uma politica tolerante, de vistas largas, e uma literatura san, que fique, duradoira, historica e scientifica.

Outros tempos, outros costumes. Os esclavagistas teem a recompensa no codigo penal. Os guerreiros teem abertas as gelosias do Mytho. Celebremos, por consequencia, os heroes da penna, os grandes triumphadores de amanhã. O seculo vindouro sobresairá pelas conquistas intellectivas e pelos commettimentos industriaes. Sciencia positiva e Trabalho probo, eis o roseo labaro do porvir!

E Basilio da Gama, não obstante ter florescido n'um periodo semi-selvatico, distinguiu-se pela clarividente visão da justiça do futuro, exclamando propheticamente

SERÁS LIDO, URUGUAY...

RIO DE JANEIRO, 20 de julho de 1895.

FRANCISCO PACHECO.

I

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue, tepidos e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria.
MUSA! honremos o heroe, que o povo rude
Subjugou do Uruguay e, no seu sangue,
Dos decretos reaes lavou a affronta.
Ai! Tanto custas, ambição do imperio!
E vós [1], por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeias [2] e grilhões pesados,
Heroe e irmão de heroes [3], saudosa e triste,

Se ao longe a vossa America vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa entanto
Acostumar ao vôo as novas azas
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Aguia, que depois foge á humilde terra,
E vae ver de mais perto, no ar vasio,
O espaço azul, onde não chega o raio.
Já dos olhos o véo tinha rasgado
A enganada Madrid [4], e ao novo mundo
Da vontade do rei nuncio severo
Aportava Cataneo: e ao grande Andrade [5]
Avisa que tem promptos os soccorros
E que em breve sáia ao campo armado.
Não podia marchar por um deserto
O nosso general, sem que chegassem
As conducções, que ha muito tempo espera.
Já por dilatadissimos caminhos
Tinha mandado de remotas partes
Conduzir os pretechos para a guerra.
Mas, entretanto, cuidadoso e triste,
Muitas cousas a um tempo revolvia
No inquieto, agitado pensamento,
Quando, pelos seus guardas conduzido,
Um Indio, com insignias de correio,

Com cerimonia estranha lhe apresenta
Humilde as cartas, que primeiro toca
Levemente na bocca e na cabeça.
Conhece a fiel mão e já descança
O illustre general, que viu, rasgando,
Que na cera encarnada impressa vinha
A aguia real do generoso Almeida[6].
Diz-lhe que está visinho e traz comsigo,
Promptos para o caminho e para a guerra,
Os fogosos cavallos e os robustos
E tardos bois, que hão de soffrer o jugo
No pesado exercicio das carretas.
Não tem mais que esperar e, sem demora,
Responde ao Castelhano que partia
E lhe determinou logar e tempo[7],
Para unir os soccorros ao seu campo.
Juntos, emfim, e um corpo do outro á vista,
Fez desfilar as tropas pelo plano,
Por que visse o Hespanhol em campo largo
A nobre gente e as armas que trazia.
Vão passando as esquadras: elle entanto
Tudo nota de parte e tudo observa,
Encostado ao bastão. Ligeira e leve
Passou primeiro a guarda, que na guerra
E' primeira a marchar, e que a seu cargo

Tem descobrir e segurar o campo.
Depois desta se segue a que descreve
E dá ao campo a ordem e a figura
E transporta e edifica n'um momento
O leve tecto e as movediças casas
E a praça e as ruas da cidade errante.
Atraz dos forçosissimos cavallos
Quentes, sonoros eixos vão gemendo
Co'peso da funesta artilheria.
Vinha logo de guardas rodeado,
Fonte de crimes, militar thesouro,
Por quem deixa no rego o curvo arado,
O lavrador, que não conhece a gloria;
E, vendendo a vil preço o sangue e a vida,
Move e nem sabe porque move a guerra.
Intrepidos e immoveis nas fileiras,
Com grandes passos, firme a testa e os olhos,
Vão marchando os mitrados granadeiros,
Sobre ligeiras rodas conduzindo
Novas especies [8] de fundidos bronzes,
Que amiudam, de promptas mãos servidos,
E multiplicam pelo campo a morte.
— Quem é este, Cataneo perguntava,
Das brancas plumas e de azul e branco
Vestido e de galões coberto e cheio,

Que traz a rica cruz no largo peito ?
Gerardo, que os conhece, lhe responde :
—E' o illustre Menezes [9], mais que todos
Forte de braço e forte de conselho.
Toda essa guerreira infanteria,
A flôr da mocidade e da nobreza,
Como elle, azul e branco e ouro vestem.
— Quem é, continuava o Castelhano,
Aquelle velho vigoroso e forte,
Que de branco e amarello e de ouro ornado
Vem os seus artilheiros conduzindo ?
Vês o grande Alpoim [10] ? Este o primeiro
Ensinou entre nós por que caminho
Se eleva aos céos a curva e grave bomba,
Prenhe de fogo, e com força do alto
Abate os tectos da cidade e lança
Do roto seio, envolta em fumo, a morte.
Seguiam juntos o paterno exemplo,
Dignos do grande pae ambos os filhos.
Justos céos ! E é forçoso illustre Vasco [11]
Que te preparem as soberbas ondas,
Longe de mim, a morte e a sepultura ?
Nymphas do mar, que vistes, se é que viste,
O rosto esmorecido e os frios braços,
Sobre os olhos soltae as verdes tranças

Triste objecto de magoa e de saudade:
Como em meu coração, vive em meus versos,
Com os teus encarnados granadeiros.
Tambem te viu naquelle dia o campo,
Famoso Mascarenhas! [12] Tu, que agora,
Em doce paz, nos menos firmes annos,
Igualmente servindo o rei e a patria,
Dictas as leis ao publico socego,
Honra da toga e gloria do senado!
Nem tu, Castro fortissimo [13], escolheste
O descanço da patria: o campo e as armas
Fizeram renovar no inclyto peito
Todo o heroico valor dos teus passados.
Os ultimos, que em campo se mostraram,
Foram fortes dragões de duros peitos,
Promptos para dous generos de guerra,
Que pelejam a pé sobre as montanhas,
Quando o pede o terreno e, quando o pede,
Erguem nuvens de pó por todo o campo
C'o tropel dos magnanimos cavallos.
Convida o general! depois da mostra,
Pagos da militar, guerreira imagem,
Os seus e os Hespanhoes, e já recebe
No pavilhão purpureo, em largo gyro,
Os capitaes, a alegre e rica mesa.

Desterram-se os cuidados, derramando
Os vinhos europeus nas taças d'ouro.
Ao som da eburnea cythara sonora,
Arrebatado do furor divino
Do seu heroe Matusio, celebrava
Altas emprezas dignas de memoria.
Honras futuras lhe promette, e canta
Os seus brazões e sobre o forte escudo
Já de então lhe figura e lhe descreve
As perolas e o titulo de grande.
Levantadas as mesas, entretinham
O congresso de heroes discursos varios.
Ali Cataneo ao general pedia
Que do principio lhe dissesse as causas
Da nova guerra e do fatal tumulto.
Se aos padres seguem os rebeldes povos?
Quem os governa em paz e na peleja?
Que do premitado, occulto imperio,
Vagamente [14] na Europa se fallava.
Nos seus logares cada qual immovel
Pende da sua bocca: attenta em roda.
Tudo em silencio e dá principio Andrade.
— O nosso ultimo rei e o rei da Hespanha
Determinaram, por cortar de um golpe,
Como sabeis, neste angulo da terra,

As desordens de povos confinantes,
Que mais certos signaes [15] nos dividissem.
Tirando a linha, d'onde a esteril costa
E o cerro de Castilhos o mar lava
Ao monte mais visinho e que as vertentes
Os termos do dominio assignalassem.
Vossa fica colonia e ficam nossos
Sete povos, que os barbaros habitam
Naquella oriental vasta campina,
Que o fertil Uruguay discorre e banha.
Quem podia esperar que uns Indios rudes,
Sem disciplina [16], sem valor, sem armas,
Se atravessassem no caminho aos nossos
E que lhes disputassem [17] o terreno?
Emfim, não lhes dei ordens para a guerra:
Frustrada a expedição depois voltaram.
C'o o vosso general me determino
A entrar no campo juntos, em chegando
A doce volta da estação das flôres.
Não soffrem tanto os Indios atrevidos:
Juntos um nosso forte entanto assaltam
E os padres os incitam e acompanham;
Que, á sua discripção, só elles podem
Aqui mover ou socegar a guerra.
Os Indios, que ficaram prisioneiros [18],

Ainda os podeis ver neste meu campo.
Deixados os quarteis, emfim, partimos [19]
Por diversas estradas, procurando
Tomar no meio os rebellados povos.
Por muitas leguas de aspero caminho,
Por lagos, bosques, valles e montanhas,
Chegámos onde nos impede o passo
Arrebatado e caudaloso rio. [20]
Por toda a opposta margem se descobre
De barbaros o numero infinito,
Que ao longe nos insultam e nos esperam.
Preparo curvas balsas e pelotas [21]
E, n'uma parte de passar, aceno,
Emquanto em outra passo occulto ás tropas.
Quasi tocava o fim da empreza, quando
Do vosso general um mensageiro
Me affirma que se havia retirado. [22]
A disciplina militar dos Indios
Tinha esterilisado aquelles campos.
— Que eu tambem me retire me aconselha,
Até que o tempo mostre outro caminho.
Irado, não o nego, lhe respondo:
Que para traz não sei mover um passo!
Venha quando pudér, que eu firme o espero.
Porém, o rio e a fórma do terreno [23]

Nos faz não vista e nunca usada guerra.
Sae furioso do seu seio e toda
Vae alagando, com o desmedido
Peso das aguas, a planicie immensa.
As tendas [24] levantei, primeiro aos troncos,
Depois aos altos ramos : pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos.
Tece o emaranhadissimo arvoredo
Verdes, irregulares e torcidas
Ruas e praças, de uma e de outra banda,
Cruzadas de canôas. [25] Taes podemos,
Co'a mistura das luzes e das sombras,
Ver por meio de um vidro transplantados
Ao seio de Adria os nobres edificios
E os jardins, que produzem outro elemento,
E batidas do remo e navegaveis
As ruas da maritima Veneza.
Duas vezes a lua prateada
Curvou no céo sereno os alvos cornos :
E ainda continuava a grossa enchente.
Tudo nos falta no paiz deserto.
Tardar devia [26] o Hespanhol soccorro.
E de si nos lançava o rio e o tempo.
Cedi e retirei-me ás nossas terras.

Deu fim á narração o invicto Andrade.
E antes de se soltar o ajuntamento
Com os regios poderes, que occultara,
Surprende os seus e os animos alegra,
Enchendo os postos todos do seu campo.
O corpo de dragões a Almeida entrega
E Campo das Mercês o logar chama.

II

Depois de haver marchado muitos dias,
Emfim, junto a um ribeiro, que atravessa,
Sereno e manso, um curvo e fresco valle,
Acharam, os que o campo descobriam,
Um cavallo anhelante e o peito e as ancas
Cobertos de suor e branca espuma.
—Temos perto o inimigo ! aos seus dizia
O esperto general : sei que costumam
Trazer os Indios um voluvel laço,
Com o qual tomam, no espaçoso campo,
Os cavallos que encontram ; e rendidos,
Aqui e alli, com o continuado

Galopar, a quem primeiro os segue
Deixam os seus, que entanto se restauram.
Nem se enganou, porque, ao terceiro dia [1],
Formados os achou sobre uma larga,
Vantajosa collina, que de um lado
E' coberta de um bosque e do outro lado
Corre escarpada e sobranceira a um rio.
Notava o general o sitio forte,
Quando Menezes, que visinho estava,
Lhe diz : — « Nestes desertos encontramos
Mais do que se esperava e me parece
Que só por força de armas poderemos
Inteiramente sujeitar os povos ».
Torna-lhe o general : — « Tentem-se os meios
De brandura e de amor ; se isto não basta,
Farei, a meu pesar, o ultimo esforço ».
Mandou, dizendo assim, os Indios todos,
Que tinha prisioneiros no seu campo,
Fossem vestidos das formosas côres,
Que a inculta gente simples tanto adora.
Abraçou-os a todos, como filhos,
E deu a todos liberdade. Alegres
Vão buscar os parentes e os amigos
E a uns e a outros contam a grandeza
Do excelso coração e peito nobre

Do general famoso, invicto Andrade.
Já para o nosso campo vem descendo,
Por mandado dos seus, dois dos mais nobres,
Sem arcos, sem aljavas; mas as testas,
De varias e altas pennas coroadas,
E cercadas de pennas as cinturas
E os pés e os braços e o pescoço. Entrara,
Sem mostras nem signal de cortezia,
Cepé no pavilhão. Porem, Cacambo
Fez, a seu modo, cortezia estranha,
E começou: [2] —« O' general famoso!
Tu tens á vista quanta gente bebe
Do soberbo Uruguay a esquerda margem.
Bem que os nossos avós [3] fossem despojo
Da perfidia da Europa e d'aqui mesmo,
C'os não vingados ossos dos parentes,
Se vejam branquejar ao longe os valles,
Eu, desarmado e só, buscar-te venho. [4]
Tanto espero de ti! [5]. E, emquanto as armas
Dão logar á razão, Senhor, vejamos
Se se póde salvar a vida e o sangue
De tantos desgraçados. Muito tempo
Póde ainda tardar-nos o recurso,
Com o largo Oceano de permeio,
No qual os suspiros dos vexados povos

Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
Está nas nossas mãos, até que um dia,
Informados, os reis nos restituam
A doce, antiga paz. Se o rei de Hespanha
Ao teu rei quer dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos-Ayres e Corrientes,
E outras que tem por estes vastos climas:
Veja que não póde dar os nossos povos!
E, ainda no caso que pudesse da-los,
Eu não sei se o teu rei sabe o que troca;
Porém, tenho receio que o não saiba!
Eu já vi a colonia Portugueza,
Na tenra idade dos primeiros annos,
Quando o meu velho pae c'os nossos arcos
A's sitiadoras tropas Castelhanas
Deu soccorro e mediu comvosco as armas.
E quererão deixar os Portuguezes
A praça, que avassalla e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que pôz a natureza
Para servir-vos de limite e raia?
Será; mas não o creio. E, depois disto,
As campinas que vês e a nossa terra,
Sem o nosso suor e os nossos braços,

De que serve ao teu Rei? Aqui não temos [6]
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de areias de ouro. Essa riqueza [7],
Que cobre os templos dos bemditos padres,
Fructo da sua industria e do commercio
Da folha e pelles [8], é riqueza sua. [9]
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O céo lh'a deu em sorte. A nós sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais que o repartido,
Por mãos escassas, misero sustento.
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco e as settas e as vistosas pennas,
São as nossas fantasticas riquezas.
Muito suor [10] e pouco ou nenhum fasto.
Volta, Senhor, não passes adeante.
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistir-te em campo aberto. Póde
Custar-te muito sangue o dar um passo.
Não queiras ver se cortam nossas flechas...
Vê que o nome dos reis [11] não nos assusta!
O teu está mui longe; e nós, os Indios,
Não temos outro rei mais do que os padres! ».
Acabou de fallar; e assim responde

O illustre General: — «Oh! alma grande,
Digna de combater por melhor causa,
Vê que te enganam: risca da memoria
Vãs, funestas imagens, que alimentam
Envelhecidos, mal fundados odios.
Por mim te falla o rei: ouve-me, attende,
E verás uma vez núa a verdade.
Fez-vos livres o céo; mas se o ser livres
Era viver errantes e dispersos,
Sem companheiros, sem amigos, sempre
Com as armas na mão em dura guerra,
Ter por justiça a força e pelos bosques
Viver do acaso, eu julgo que inda fôra
Melhor a escravidão que a liberdade.
Mas nem a escravidão, nem a miseria
Quero, benigno rei, que o fructo seja
Da sua protecção. Esse absoluto
Imperio illimitado, que exercitam
Em vós os padres, como vós, vassallos,
E' imperio tyrannico que usurpam.
Nem são senhores, nem vós sois escravos.
O rei é vosso pae: quer-vos felizes!
Sois livres como eu sou; sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
Mas deveis entregar-nos estas terras:

Ao bem publico cede o bem privado.
O socego de Europa assim o pede :
Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,
Se não obedeceis; mas os rebeldes,
Eu sei que não sois vós ; são os bons padres,
Que vos dizem a todos que sois livres,
E se servem de vós, como de escravos.
Armados de orações vos põem no campo
Contra o fero trovão da artilheria,
Que os muros arrebata, e se contentam
De ver de longe a guerra: sacrificam,
Avarentos do seu, o vosso sangue.
Eu quero á vossa vista despoja-los
Do tyranno dominio destes climas,
De que a vossa innocencia os fez senhores.
Dizem-vos que não tendes rei? Cacique !
E o juramento de fidelidade?
Porque está longe, julgas que não póde
Castigar-vos a vós e castiga-los?
Generoso inimigo! é tudo engano...
Os reis estão na Europa; mas adverte
Que estes braços que vês são os seus braços.
Dentro de pouco tempo um meu aceno
Vae cobrir este monte e essas campinas
De semi-vivos, palpitantes corpos

De miseros mortaes, que inda não sabem
Por que causa o seu sangue vae agora
Lavar a terra e recolher-se em lagos.
Não me chames cruel: emquanto é tempo
Pensa e resolve » —E, pela mão tomando
O nobre Embaixador, o illustre Andrade
Intenta reduzi-lo por brandura,
E o Indio, um pouco pensativo, o braço
E a mão retira E, suspirando, disse:
— Gentes da Europa: nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós. Ah! não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso de aguas.
Proseguia talvez; mas o interrompe
Cepé, que entra no meio, e diz: — Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras. [12] que pisas, o céo livres
Deu aos nossos Avós; nós tambem livres
As recebemos dos Antepassados:
Livres hão de as herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo,
Que não seja o do ceo [13], por mãos dos padres.
As frechas partirão nossas contendas
Dentro de pouco tempo; e o vosso Mundo,
Se nelle um resto houver de humanidade,

Julgará entre nós; se defendemos.
Tu a justiça e nós o Deus e a Patria.
Emfim, quereis a guerra? tereis guerra,
Lhe torna o general: — « Podeis partir-vos,
Que tendes livre o passo ». Assim dizendo
Manda dar a Cacambo rica espada,
De ortas guarnições de prata e ouro,
A que inda mais valor dera o trabalho.
Um bordado chapéo e larga cinta
Verde, e capa de verde e fino panno,
Com bandas amarellas e encarnadas
E mandou que a Cepé se desse um arco
De pontas de marfim; e ornada e cheia
De novas settas a famosa aljava,
A mesma aljava que deixára um dia,
Quando envolto em seu sangue e vivo apenas,
Sem arco e sem cavallo, foi trazido
Prisioneiro de guerra ao nosso campo.
Lembrou-se o Indio da passada injuria
E, sobraçando a conhecida aljava,
Lhe disse: — « O' general! eu te agradeço
As settas que me dás e te prometto
Mandar t'as bem depressa, uma por uma,
Entre nuvens de pó, no ardor da guerra.
Tu as conhecerás pelas feridas

Ou porque rompem com mais força os ares ».
Despediram-se os Indios e as esquadras
Se vão dispondo em ordem de peleja,
Como mandava o General. Os lados
Cobrem as tropas de cavallaria
E estão no centro firmes os infantes.
Qual fera bocca de Lebrêo raivoso,
De lisos e alvos dentes guarnecida,
Os Indios ameaçam a nossa frente
De agudas bayonetas rodeada.
Fez a trombeta o som da guerra. Ouviram
Aquelles montes pela vez primeira
O som da caixa portugueza ; viram
Pela primeira vez aquelles ares
Desenroladas as reaes bandeiras.
Saem das grutas, pelo chão cavadas,
Em que até ali de industria se escondiam,
Nuvens de Indios : e a vista duvidava
Se do terreno os barbaros nasciam,
Qual já no tempo antigo errante Cadmo
Dizem que vira da fecunda terra
Brotar a crudelissima seara.
Erguem todos um barbaro alarido
E sobre os nossos cada qual encurva.
Mil vezes e mil vezes solta o arco

Um chuveiro de settas despedindo.
Gentil, mancebo presumido e nescio,
A quem a popular lisonja engana,
Vaidoso pelo campo discorria,
Fazendo ostentação dos seus pennachos,
Impertinente e de familia escura,
Mas que tinha o favor dos santos padres.
Contam, não sei se é certo, que o tivera
A esteril mãe por orações de Balda.[14]
Chamaram-o Baldetta por memoria.[15]
Tinha um cavallo de manchada pelle,
Mais vistoso que f orte : a natureza
Um ameno jardim por todo o corpo
Lhe debuxou e era jardim chamado.
O padre, na saudosa despedida,
Deu-lh'o em signal de amor[16]; e nelle agora,
Gyrando ao largo com incertos tiros,
Muitos feria e a todos inquietava.
Mas, se então se cobrir de eterna infamia,
A gloria tua foi, nobre Gerardo.
Tornava o Indio jactancioso, quando
Lhe sae Gerardo ao meio da carreira :
Disparou-lhe a pistola e fez-lhe, a um tempo,
Co'o reflexo do sol, luzir a espada.
Só de ve-lo se assusta o Indio e fica

Qual quem ouve o trovão e espera o raio.
Treme, e o cavallo aos seus volta, e pendente
A um lado e a outro de cair acena.
Deixando aqui e ali por todo o campo
Entornadas as settas; pelas costas
Fluctuavam as pennas e, fugindo
Soltas da mão, as redeas ondeavam.
Insta Gerardo e quasi o ferro o alcança,
Quando Tatú Guaçú [17], o mais valente
De quantos Indios viu a nossa edade,
Armado o peito da escamosa pelle
De um Jacaré [18] disforme, que matára,
Se atravessa deante. Intenta o nosso
Com a outra pistola abrir caminho
E em vão o intenta: a verde-negra pelle,
Que ao Indio o largo peito orna e defende,
Formou a natureza impenetravel.
Co'a a espada o fere, no hombro e na cabeça,
E as pennas corta, de que o campo espalha.
Separa os dois fortissimos guerreiros
A multidão dos nossos, que atropela
Os Indios fugitivos; tão depressa [19]
Cobrem o campo os mortos e os feridos
E por nós a victoria se declara.
Precipitadamente as armas deixam.

Nem resistem mais tempo ás espingardas.
Vale-lhes a costumada ligeireza,
De sob os pés lhe desapparece a terra,
E vôam, que o temor aos pés põe azas,
Clamando ao céo e encommendando a vida
A's orações dos padres. Desta sorte,
Talvez, em outro clima, quando soltam
A branca neve eterna os velhos Alpes,
Arrebata a corrente impetuosa
Co'as choupanas o gado. Afflicto e triste
Se salva o lavrador nos altos ramos
E vê levar-lhe a cheia os bois e o arado.
Poucos Indios no campo mais famosos,
Servindo de reparo aos fugitivos,
Sustentam todo o peso da batalha,
Apesar da fortuna. De uma parte
Tatú-Guaçú, mais forte na desgraça,
Já banhado em seu sangue pretendia
Por seu braço elle só pôr termo á guerra.
Caitatú de outra parte, altivo e forte,
Oppunha o peito á furia do inimigo
E servia de muro á sua gente.
Fez proezas Cepé naquelle dia.
Conhecido de todos, no perigo
Mostrava descoberto o rosto e o peito,

Forçando os seus c'o exemplo e c'o as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda
E, dextro em atirar, e irado e forte
Quantas settas da mão voar fazia
Tantas na nossa gente ensanguentava.
Settas de novo agora recebia,
Para dar outra vez principio á guerra,
Quando o illustre Hespanhol, que governava
Montevideo, alegre, airoso e prompto,
As rédeas volta ao rapido cavallo
E por cima de mortos e feridos,
Que luctavam co'a morte, o Indio affronta.
Cepé, que o viu, tinha tomado a lança,
E atraz deitando a um tempo o corpo e o braço
A despediu. Por entre o braço e o corpo
Ao ligeiro Hespanhol o ferro passa:
Rompe, sem fazer damno, a terra dura
E treme fóra muito tempo a haste.
Mas de um golpe a Cepé, na testa e peito,
Fere o Governador e as rédeas corta
Ao cavallo feroz. Foge o cavallo
E leva, involuntario e ardendo em ira,
Por todo o campo, a seu Senhor; e ou fosse
Que regada de sangue aos pés cedia
A terra, ou que puzesse as mãos em falso,

Rodou sobre si mesmo e na caida
Lançou longe a Cepé. — « Rende-te ou morre»,
Grita o Governador; e o Tape altivo,
Sem responder, encurva o arco e a setta
Despede, e nella lhe prepara a morte.
Enganou-se esta vez. A setta um pouco
Declina e açouta o rosto a leve pluma.
Não quiz deixar o vencimento incerto
Por mais tempo o Hespanhol e, arrebatado
Com a pistola, lhe fez tiro aos peitos.
Era pequeno o espaço e fez o tiro
No corpo desarmado estrago horrendo.
Viam-se dentro pelas rotas costas
Palpitar as entranhas. Quiz tres vezes!
Levantar-se do chão... Caiu tres vezes.
E os olhos, já nadando em fria morte,
Lhe cobriu sombra escura e ferreo somno.
Morto o grande Cepé já não resistem
As timidas esquadras. Não conhece
Leis o temor. Debalde está deante
E anima os seus o rapido Cacambo.
Tinha-se retirado da peleja
Caitatú, mal ferido ; e do seu corpo
Deixa Tatú-Guaçù, por onde passa,
Rios de sangue. Os outros, mais valentes

Ou eram mortos ou feridos. Pende
O ferro vencedor sobre os vencidos.
Ao numero, ao valor — cede Cacambo.
Salva os Indios que pode e se retira.

III

Já a nossa do Mundo ultima parte
Tinha voltado [1] a ensanguentada fronte
Ao centro luminar, quando a campanha,
Semeada de mortos e insepultos,
Via desfazer-se a um tempo a villa errante,
Ao som das caixas. Descontente e triste
Marchava o General: não soffre o peito,
Compadecido e generoso, a vista
Daquelles frios e sangrados corpos,
Victimas da ambição de injusto imperio.
Foram ganhando e descobrindo terra,
Inimiga e infiel ; até que um dia

Fizeram alto e se acamparam onde
Incultas varzeas, por espaço immenso,
Enfadonhas e estereis acompanham
Ambas as margens de um profundo rio.
Todas estas vastissimas campinas
Cobrem palustres e tecidas canas
E leves juncos do calor tostados,
Prompta materia de voraz incendio.
O Indio habitador, de quando em quando,
Com estranha cultura entrega ao fogo
Muitas leguas de campo: o incendio dura,
Emquanto dura e o favorece o vento.
Da herva, que renasce, se apascenta
O immenso gado que dos montes desce;
E renovando incendios desta sorte
A arte emenda a natureza e podem
Ter sempre nedio o gado e o campo verde.
Mas agora, sabendo por espias
As nossas marchas, conservavam sempre
Seccas as torradissimas campinas:
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora e a cinza fria
Fertilisasse o arido terreno.
O cavallo até li forte e brioso
E costumado a não ter mais sustento,

Naquelles climas do que a verde relva
Da mimosa campina — desfallece.
Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
Os pés e cava o chão co'as mãos e o valle,
Rinchando, atroa e açouta o ar co'as clinas.
Era alta noite. E carrancudo e triste
Negava o Céo, envolto em pobre manto,
A luz ao Mundo e murmurar se ouvia
Ao longe o rio e menear-se o vento.
Respirava descanço a natureza.
Só na outra margem não podia entanto
O inquieto Cacambo achar socego.
No perturbado, interrompido somno,
— Talvez fosse illusão —, se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto e nos pisados braços
Inda os signaes da misera caida.
Sem adorno a cabeça e aos pés calcada
A rota aljava e as descompostas pennas.
Quanto diverso do Cepé valente,
Que no meio dos nossos espalhava,
De pó, de sangue e de suor coberto,
O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:

— Foge, foge, Cacambo!... E tu descanças,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques e nas patrias grutas
Tua fraqueza e desventura encobre.
Ou, se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de gloria, ao duro passo
Resiste valoroso.—Ah! tu que podes!...
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
A' fortuna da Europa: agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem
O teu sangue e o meu sangue. Assim dizendo
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas. no ar, fumante tocha;
E assignala com chammas o caminho.
Acorda o Indio valoroso e salta
Longe da curva rêde e, sem demora,
O arco e as settas arrebata e fere
O chão com o pé: quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem deante dos olhos a figura
Do caro amigo e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as varias pennas
E o arco e as settas e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio

Se estende e espraia sobre a ruiva areia,
Pensativo e turbado entra ; e, com agua
Já por cima do peito, as mãos e os olhos
Levanta ao Céo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabia entanto
A nova empreza na limosa gruta
O patrio rio ; e, dando um geito á urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas ;
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou, sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida e, mansamente,
Pelo silencio vae da noite escura,
Buscando a parte donde vinha o vento.
Lá, como é uso do paiz, roçando
Dois lenhos entre si, desperta a chamma,
Que já se ateia nas ligeiras palhas
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto e foge a tempo
Da perigosa luz; porém, na margem
Do rio, quando a chamma abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos Guardas, não se assusta.
E, temeraria e venturosamente,
Fiando a vida aos animosos braços,

De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vez se lançou; e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam e debalde ás margens
Corre a gente apressada. Elle, entretanto,
Sacode as pernas e os nervosos braços:
Rompe as espumas assoprando e a um tempo
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses,
Vaidoso da ruina que causára,
Viu abrazar de Troia os altos muros
E a perjura Cidade envolta em fumo
Encostar-se no chão e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce entanto
O incendio furioso e o irado vento
Arrebata ás mãos cheias vivas chammas,
Que, aqui e alli, pela campina espalha.
Communica-se a um tempo ao largo campo
A chamma abrazadora e em breve espaço
Cérca as barracas da confusa gente.
Armado o general, como se achava,
Saiu do pavilhão e prompto atalha
Que não prosiga o voador incendio.

Poucas tendas entrega ao fogo e manda,
Sem mais demora, abrir largo caminho,
Que os separe das chammas. Uns já cortam
As combustiveis palhas, outros trazem
Nos promptos vasos as visinhas ondas.
Mais não espera o Barbaro atrevido.
A todos se adeanta; e, desejoso
De levar a noticia ao grande Balda,
Naquella mesma noite o passo estende.
Tanto se apressa que, na quarta aurora,
Por veredas occultas viu de longe
A doce Patria e os conhecidos montes
E o Templo, que tocava o Céo co'as grimpas.
Mas não sabia que a fortuna, entanto,
Lhe preparava a ultima ruina.
Quanto seria mais ditoso! Quanto
Melhor lhe fôra o acabar a vida
Na frente do inimigo, em campo aberto,
Ou sobre os restos de abrazadas tendas,
Obra do seu valor! Tinha Cacambo
Real esposa, a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos
Em verdes annos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas, apenas
Os tinha unido, quando, ao som primeiro

Das trombetas, lh'o arrebatou dos laços
A gloria enganadora. Ou foi que Balda,
Engenhoso e subtil, quiz desfazer-se
Da presença importuna, perigosa
Do Indio generoso. E, desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida
Presenciou dos dois amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya e descobria
Sempre novos protextos de demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do Sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida esposa o peito abranda
Do obstinado Juiz: até que, á força
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio [2] de um licôr desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o illustre Cacambo — entre os gentios
Unico que, na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo!

Chorando occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida,
Pouca terra, os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra...
Crueis ministros ! encobri ao menos
A funesta noticia. Ai ! que já sabe
A assustada, amantissima Lindoya
O successo infeliz ! Quem a soccorre ? !...
Que, aborrecida de viver, procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro, aonde se não ama.
Mas a enrugada Tanajura, que era
Prudente e experimentada, e que a seus peitos
Tinha creado em mais ditosa idade
A mãe da mãe da misera Lindoya,
E lia pela historia do futuro,
Visionaria [3] , supersticiosa,
Que de abertos supulcros recolhia
Nuas caveiras e esburgados ossos,
A uma medonha gruta, onde ardem sempre
des candeias, conduziu, chorando,
Lindoya, a quem amava como filha
E, em ferrugento vaso, licôr puro
De viva fonte recolheu. Tres vezes

Gyrou em roda e murmurou tres vezes
Co'a carcomida bocca impias palavras
E as aguas assoprou : depois com o dedo
Lhe impõe silencio e faz que aguas note.
Como no mar azul, quando recolhe
A lisongeira viração as azas,
Adormecem as ondas e retratam,
Ao natural, as debruçadas penhas,
O copado arvoredo e as nuvens altas,
Não de outra sorte á timida Lindoya
Aquellas aguas fielmente pintam
O rio, a praia, o valle e os montes, onde
Tinha sido Lisboa [4] ; e viu Lisboa,
Entre despedaçados edificios,
Com o solto cabello descomposto,
Tropeçando em ruinas, encostar-se.
Desamparada dos habitadores
A rainha do Tejo, e solitaria,
No meio de sepulcros, procurava
Com seus olhos soccorro; e com seus olhos
Só descobria de um e de outro lado
Pendentes muros e inclinadas torres.
Vê mais o Luso Atlante, que forceja
Por sustentar o peso desmedido
Nos rôxos hombros. Mas do céo sereno,

Em branca nuvem próvida donzella
Rapidamente desce e lhe apresenta,
De sua mão, Espirito Constante,
Genio de Alcides, que de negros monstros
Despeja o Mundo e enxuga o pranto á Patria:
Tem por despojos cabelludas pelles
De ensanguentados e famintos lobos
E fingidas raposas. Manda [5] e logo
O incendio lhe obedece. E, de repente,
Por onde quer que elle encaminhe os passos,
Dão logar [6] ás ruinas. Viu Lindoya
Do meio dellas, só a um seu aceno,
Sair da terra [7], feitos e acabados,
Vistosos edificios. Já mais bella
Nasce Lisboa de entre as cinzas: gloria
Do grande Conde que, co'a mão robusta,
Lhe firmou na alta testa os vacillantes,
Mal seguros castellos. Mais ao longe,
Promptas no Tejo, [8] e a curvo ferro atadas,
Aos olhos dão de si terrivel mostra,
Ameaçando o mar, as poderosas,
Soberbas náus. Por entre as cordas negras
Alvejam as bandeiras: geme atado
Na pôpa o vento; e alegres, vistosas,
Descem das nuvens a beijar os mares

As flammulas guerreiras. No horisonte
Já sobre o mar azul apparecia
A pintada Serpente [9], obra e trabalho
Do novo Mundo, que de longe vinha
Buscar as nadadoras companheiras:
E já de longe a fresca Cintra e os montes,
Que inda não conhecia, saudava.
Impacientes da fatal demora
Os lenhos mercenarios junto á terra
Recebem no seu seio e a outros climas,
Longe dos doces ares de Lisboa,
Transportam [10] a ignorancia e a magra inveja
E, envolta em negros e compridos pannos,
A discordia, o furor. A torpe e velha
Hypocrisia vagarosamente
Atrás delles caminha; e inda duvida
Que houvesse mão que se atrevesse a tanto.
O povo a mostra com o dedo; e ella,
Com os olhos no chão, da luz do dia
Foge, e cobrir o rosto inda procura,
Com os pedaços do rasgado manto.
Vae! filha da ambição, onde te levam
O vento e os mares: possam teus alumnos
Andar errando sobre as aguas: possa
Negar-lhe a bella Europa abrigo e porto!

Alegre deixarei a luz do dia,
Se chegarem a ver meus olhos, que Adria [11]
Da alta injuria se lembra, e de seu seio
Te lança: e que te lançam de seu seio
Gallia Iberia [12] e o paiz bello, que parte
O Apenino e cinge o mar e os Alpes.
Pareceu a Lindoya que a partida
Destes monstros deixava mais serenos
E mais puros os ares. Já se mostra
Mais distincta a seus olhos a Cidade.
Mas viu — ai vista lastimosa! — a um lado
Ir a fidelidade Portugueza,
Manchados os purissimos vestidos
De roxas nodoas. Mais ao longe estava,
Com os olhos vendados e escondido
Nas roupas, um punhal banhado em sangue!
O Fanatismo, pela mão guiando
Um curvo [13] e brando velho ao fogo e ao laço.
Geme offendida a natureza; e geme
— Ai! muito tarde — a credula Cidade.
Os olhos põe no chão a igreja [14], irada,
E desconhece e desaprova e vinga
O delicto cruel e a mão da. bastar
Embebida na magica pintura
Gosa as imagens vans, e não se atreve

Lindoya a perguntar. Vê destruida
A republica infame e bem vingada
A morte de Cacambo; e attenta e immovel
Apascentava os olhos e o desejo
E nem tudo entendia; quando a velha
Bateu co'a mão e fez tremer as aguas.
Desapparecem as fingidas torres
E os verdes campos; nem já delles resta
Leve signal. Debalde os olhos buscam
As náus: já não são náus, nem mar, nem montes,
Nem o logar onde estiveram. Torna
Ao pranto a saudosissima Lindoya,
E de novo outra vez suspira e geme.
Até que a noite, compassiva e attenta,
Que as magoadas lastimas lhe ouvira,
Ao partir sacudiu das fuscas azas,
Envolto em frio orvalho, um leve somno,
Suave esquecimento de seus males...

IV

Salvas as tropas do nocturno incendio,
Aos povos se avisinha o grande Andrade,
Depois de afugentar os Indios fortes,
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os Tapes cavalleiros, que arremeçam
Duas causas de morte n'uma lança
E em largo gyro todo campo escrevem.
Que negue agora a perfida calumnia [1]
Que se enganava aos barbaros gentios
A disciplina militar e negue
Que mãos traidoras a distantes povos

Por asperos desertos conduziam
O pó sulfureo e as sibilantes balas
E o bronze, que rugia nos seus muros.
Tu que viste e pisaste, ó Blasco [2] insigne,
Todo aquelle paiz, tu só pudeste
Co'o mão, que dirigia o ataque horrendo
E aplanava os caminhos á victoria,
Descrever ao teu rei o sitio e as armas
E os odios e o furor e a incrivel guerra.
Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Co' peso opprime, e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge á terra pouco a pouco
Ir crescendo o horisonte, que se encurva,
Até que com os céos o mar confina.
Nem tem á vista mais que o ar e as ondas.
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o céo, que o mais lhe encobre
A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas, quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encosto do dourado assento,
Co'a creadora mão desfaz e corre
O véo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem

Daquella altura, por espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes
E lagos crystalinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produziu a superflua Natureza.
A terra, soffredora de cultura,
Mostra o rasgado seio; e as varias plantas,
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.
Ajuntavam-se os Indios, entretanto,
No logar mais visinho, onde o bom padre [3]
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta e segurar-lhe o posto
E a regia auctoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande Templo e na visinha praça
Se vão dispondo, de uma e de outra banda,

As vistosas esquadras differentes.
Co'a chata frente de Urucú [4] tingida,
Vinha o Indio Kobbé, disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos,
Como abate a seara o rijo vento.
Traz comsigo os selvagens da montanha,
Que comem os seus mortos; nem consentem
Que jámais lhe esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pae ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedera
A Cepé no logar: inda em memoria
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr que Cepé usará sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam
E que têm por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitatú, de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz; mas são tão dextros
No exercicio da frecha, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,

Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranis de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do Céo trazem vestidas,
Com cintas amarellas. E Baldetta,
Desvanecido, a bella esquadra ordena
No seu jardim: até ao meio a lança
Pintada de vermelho e a testa e o corpo
Todo coberto de amarellas plumas.
Penderte a rica espada de Cacambo;
E pelos peitos, ao través lançada,
Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa,
De onde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz e vem guiando
Tropel confuso de cavallaria,
Que conbate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Reviam-se em Baldetta os santos padres;
E, fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta recebia

O esperado Tedêo, activo e prompto,
A quem acompanhava [5], vagaroso,
Com as chaves no cinto, o Irmão Patusca,
De pesada, enormissima barriga;
Jámais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas de descanço.
De indulgente moral e brando peito,
Que, penetrado da fraqueza humana,
Soffre em paz as delicias desta vida,
Taes e quaes no-las dão. Gosta das cousas,
Porque gosta, e contenta-se do effeito;
E nem sabe, nem quer saber as causas,
Ainda que talvez, á falta de outro,
Com grosseiras acções o povo exhorte,
Gritando sempre e sempre repetindo,
Que do bom pae Adão a triste raça
Por degráus degenera e que este Mundo,
Peorando, envelhece. Não faltava,
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam,
Todas de brancas pennas revestidas,
Festões de flôres as gentis donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a busca-la.
Estes da crespa Tanajura aprendem

Que entrara no jardim [6], triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitatú, que deixa os seus no campo;
E a irmã, por entre as sombras do arvoredo,
Busca co'a vista e teme de encontra-la.
Entram, emfim, na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde, ao pé de uma lapa cavernosa,
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá, reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flôres;
Tinha a face na mão e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, lhe lambe o seio.
Fogem de ver, assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;

E nem se atrevem a chama-la e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém, o destro Caitatú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora,
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro; e vacillou tres vezes,
Entre a ira e o temor. Emfim, sacode
O arco e faz voar aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya e fere
A serpente na testa e a bocca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro e, em tortuoso gyro,
Se enrosca no cypreste e verte, envolto
Em negro sangue, o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao desperta-la
Conhece — com que dôr! — no frio rosto
Os signaes do veneno e vê ferido,
Pelo dente subtil, o brando peito.
Os olhos, em que amor reinara um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que a surdo vento e aos écos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.

Nos olhos Caitalú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta,
De sua mão já tremula gravado,
O alheio crime e a voluntaria morte.
E' por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece...
Tanto era bella no seu rosto a morte!
Indifferente admira o caso acerbo
Da estranha novidade ali trazido
O duro Balda; e os Indios, que se achavam,
Corre co'a vista e os animos observa.
Quanto póde o temor! Seccou-se a um tempo
Em mais d'um rosto o pranto e em mais d'um peito
Morreram suffocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura
E exposta ás féras e ás famintas aves,
Sem que algum se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flôres e piedosa terra.
Faustosa Egypcia [7] que o maior triumpho
Temeste honrar do vencedor Latino,
Se desceste inda livre ao escuro reino,

Foi vaidosa talvez da imaginada
Barbara pompa do real sepulcro.
Amavel Indiana: eu te prometto
Que em breve a iniqua patria envolta em chammas
Te sirva de urna e que misture e leve
A tua e a sua cinza o irado vento.
Confusamente murmurava entanto
Do caso atroz a lastimada gente.
Dizem que Tanajura lhe pintara
Suave aquelle genero de morte
E talvez lhe mostrasse o sitio e os meios.
Balda, que ha muito espera o tempo e o modo
De alta vingança e encobre a dôr no peito,
Excita os povos a exemplar castigo
Na desgraçada velha. Alegre em roda
Se ajunta a petulante mocidade,
Co'as armas que o acaso lhe offerece.
Mas neste tempo um Indio, pelas ruas,
Com gesto espavorido vem gritando,
Soltos e arripiados os cabellos:
— Fugi, fugi da mal segura terra,
Que estão já sobre nós os inimigos!
Eu mesmo os vi, que descem do alto monte,
E veem cobrindo os campos; e, se ainda
Vivo chego a trazer-vos a noticia,

Aos meus ligeiros pés a vida eu devo!
Debalde nos expômos neste sitio.
Diz o activo Tedêo. Melhor conselho
E' ajuntar as Tropas no outro povo:
Perca-se o mais, salvemos a cabeça!
Embora seja assim, faça-se em tudo
A vontade do Céo; mas, entretanto,
Vejam os contumazes inimigos
Que não têm que esperar de nós despojos.
Falte-lhes a melhor parte ao seu triumpho
Assim discorre Balda; e entanto ordena
Que todas as esquadras se retirem,
Dando as casas primeiro ao fogo e o Templo.
Parte, deixando atada triste velha,
Dentro de uma choupana, e vingativo
Quiz que por ella começasse o incendio.
Ouviam-se de longe os altos gritos
Da miseravel Tanajura. Aos ares
Vão globos espessissimos de fumo,
Que deixam ensanguentada a luz do dia
Com as grossas camaldulas á porta,
Devoto e penitente, os esperava
O Irmão Patusca, que ao rumor primeiro
Tinha sido o mais prompto a pôr-se em salvo
E a desertar da perigosa terra.

Por mais que o nosso General se apresse,
Não acha mais que as cinzas inda quentes
E um deserto, onde ha pouco era cidade.
Tinham ardido as miseras choupanas
Dos pobres Indios e no chão, caidos,
Fumegavam os nobres edificios,
Deliciosa habitação dos padres.
Entram [8] no grande templo e vêm por terra
As imagens sagradas. O aureo throno,
O throno em que se adora um Deus immenso,
Que o soffre e não castiga os temerarios,
Em pedaços no chão. Voltava os olhos
Turvado o General: aquella vista
Lhe encheu o peito de ira e os olhos de agua.
Em roda os seus fortissimos guerreiros
Admiram [9], espalhados, a grandeza
Do rico templo e os desmedidos arcos,
As bases das firmissimas columnas,
E os vultos animados, que respiram.
Na abobada o artifice famoso
Pintára ... — mas que intento! —.As roucas vozes
Seguir não podem do pincel os rasgos.
Genio da inculta America, que inspiras
A meu peito o furor que me transporta,
Tu me levanta nas tuas seguras azas!

Serás em paga ouvido no meu canto...
E te prometto que, pendente, um dia
Adorne a minha lyra os teus altares!

V

Na vasta [1] e curva abobada pintara
A dextra mão de artifice famoso,
Em breve espaço, e villas e cidades
E provincias e reinos. No alto solio
Estava dando leis ao mundo inteiro
A Companhia. Os sceptros e as corôas
E as tyaras e as purpuras, em torno,
Semeadas no chão. Tinha de um lado
Dadivas corruptoras: do outro lado,
Sobre os brancos altares suspendidos,
Agudos ferros, que gotejam sangue.
Por esta mão, ao pé dos altos muros,

Um dos Henriques[2] perde a vida e o reino
E cae por esta mão— ó céos! —, debalde
Rodeado dos seus, o outro Henrique[3],
Delicia do seu povo e dos humanos.
Principes: o seu sangue é vossa offensa.
Novos crimes[4] prepara o horrendo monstro.
Armae o braço vingador: descreva
Seus tortos sulcos o luzente arado
Sobre o seu throno[5]; nem aos tardos netos
O logar em que foi mostrar-se possa!
Viam-se ao longe, errantes e espalhados
Pelo Mundo, os seus filhos ir lançando
Os fundamentos do esperado imperio,
De dois em dois[6] ou sobre os coroados
Montes do Tejo, ou nas remotas praias,
Que habitam as pintadas Amazonas,
Por onde o rei das aguas[7], espumando,
Foge da estreita terra e insulta os mares.
Ou no Ganges sagrado ou nas escuras
Nunca de humanos pés trilhadas serras,
Onde o Nilo tem[8], se é que tem fonte.
Com um gesto innocente, aos pés do throno,
Via-se a Liberdade Americana
Que, arrastando enormissimas cadeias,
Suspira e os olhos e a inclinada testa

Nem levanta [9], de humilde e de medrosa.
Tem deante riquissimo tributo,
Brilhante pedraria e prata e ouro,
Funesto preço por que compra os ferros.
Ao longe o mar azul e as brancas velas [10],
Com estranhas divisas nas bandeiras,
Denotam que aspirava ao senhorio,
Da navegação e mais do commercio.
Outro tempo, outro clima, outros costumes.
Mais além [11], tão diversa de si mesmo,
Vestida em larga roupa fluctuante,
Que distinguem barbaricos lavores,
Respira no ar Chinez o molle fausto
De asiatica pompa; e, grave e lenta,
Permitte [12] aos Bonzos [13], apesar de Roma [14],
Do seu Legislador [15] o indigno culto.
Aqui entrando no Japão fomenta
Domesticas discordias. Lá passeia
No meio dos estragos, ostentando
Orvalhadas de sangue as negras roupas.
Já desterrada, emfim, dos ricos portos,
Voltando a vista ás terras que perdêra [16],
Quer pisar [17], temeraria e criminosa...
Oh Céos! que negro horror! Tinha ficado
Imperfeita a pintura e envolta em sombras!

Tremeu a mão do artifice ao fingi-la
E desmaiaram no pincel as côres...
Da parte opposta, nas soberbas praias
Da rica Londres, tragica e funesta,
Ensanguentando o Tamisa, esmorece,
Vendo a conjuração [18], perfida e negra,
Que se prepara ao crime; e intenta e espera
Erguer aos Céos, nos inflammados hombros,
E espalhar pelas nuvens, denegridos,
Todos os grandes e a famosa sala.
Por entre os troncos de umas plantas negras,
Por obra sua, viam-se arrastados
A's ardentes areias africanas
O valor e alta gloria portugueza.
Ai! mal aconselhado quanto forte,
Generoso Mancebo! Eternos luctos
Preparas á chorosa Lusitania.
Desejado dos teus, a incertos climas
Vás mendigar a morte e a sepultura.
Já satisfeitos do fatal designio,
Por mão de um dos Filippes, affogavam
Nos abysmos do mar [19] e emmudeciam
Queixosas linguas e sagradas boccas,
Em que ainda se ouvia a voz da Patria.
Crescia o seu poder e se firmava

Entre surdas vinganças. Ao mar largo
Lança do profanado, occulto seio,
O irado Tejo os frios nadadores;
E deixa o barco e foge para a praia
O pescador que attonito recolhe
Na longa rêde o pallido cadaver,
Privado de sepulcro. Emquanto os nossos
Apascentam a vista na pintura,
Nova empreza e outro genero de guerra
Em si revolve o General famoso.
Apenas esperou que ao Sol brilhante
Désse as costas de todo a opaca terra;
Precipitou a marcha e no outro povo
Foi surprehender os Indios. O Cruzeiro,
Constellação dos Europeus não vista,
As horas, declinando-lhe, assignala.
A corada manhã, serena e pura,
Começava a bordar nos horisontes
O Céo, de brancas nuvens povoado,
Quando, abertas as portas, se descobrem,
Em trajos de caminho, ambos os padres
Que, mansamente, do logar fugiam,
Desamparando os miseraveis Indios,
Depois de expostos ao furor das armas.
Lobo voraz, que vae na sombra escura

Meditando traições ao manso gado,
Perseguido dos cães, e descoberto,
Não arde em tanta colera, como ardem
Balda e Tedêo. A soldadesca alegre
Cerca em roda o fleugmatico Patusca,
Que provido de longe os acompanha
E mal se move no jumento tardo.
Pendem-lhe dos arções, de um lado e de outro,
Os paios saborosos e os vermelhos
Presuntos europeus; e a tiracolo,
Inseparavel companheira antiga,
De seus caminhos a borracha pende!
Entra no povo e ao templo se encaminha
O invicto Andrade; e generoso, entanto,
Reprime a militar licença e a todos
Co'a grande sombra ampara, alegre e brando,
No meio da victoria. Em roda o cercam,
— Nem se enganaram — procurando abrigo
Chorosas mães e filhos innocentes
E curvos paes e timidas donzellas.
Socegado o tumulto, e conhecidas
As vis astucias de Tedêo e Balda,
Cae a infrene Republica por terra.
Aos pés do General as toscas armas
Já tem deposto o rude Americano,

Que reconhece as ordens e se humilha,
E a imagem do seu rei prostrado adora!

Serás lido, URUGUAY! Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.
Tu vive e gosa luz serena e pura.
Vae aos bosques da Arcadia e não receies
Chegar desconhecido áquella areia.
Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,
Urna triste a Mireo não tudo encerra.
Leva de estranho Céo, sobre elle espalha,
Co'a peregrina mão, barbaras flôres:
— E busca o successor, — que te encaminhe
Ao teu logar —, que ha muito que te espera!...

NOTAS EXPLICATIVAS

Primeiro Canto

1 Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi governador e capitão general das capitanias do grão Pará e Maranhão e fez ao norte do Brasil o que o conde de Bobadella fez na parte do sul. Encontrou nos jesuitas a mesma resistencia e venceu-a da mesma sorte.

2 Os Indios lhe devem inteiramente a sua liberdade. Os jesuitas nunca declamaram contra o captiveiro destes miseraveis racionaes, senão porque pretendiam ser só elles os seus senhores. Ultimamente foram, nos nossos dias, nobilitados e admittidos aos cargos da Republica. Este procedimento honra a humanidade.

3 Em uma só familia achou o rei tres irmãos dignos de repartirem entre si todo o peso do governo. Comquanto seja maior gloria a nossa, podem os estranhos dizer da côrte de Lisboa o que já se disse da de Roma, a qual esteve nas mãos dos tres famoso Horacios *(Corneil. Horac.)*.

Et son illustre ardeur d'oser plus que les autres,
D'une seule maison brave toutes les notres,
Ce choix pouvait comble trois familles de gloire.

4 Os jesuitas, por si e pelos seus fautores, tinham feito na côrte de Madrid o ultimo esforço para impedir a execução do tratado de limites.

5 Gomes Freire de Andrade.

6 O coronel José Ignacio de Almeida.

7 O dia 16 de janeiro de 1765, em Santo Antonio-o-Velho.

8 As companhias de granadeiros levaram a esta expedição peças de amiudar, que foram as primeiras a apparecer no Brasil.

9 O coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes, que depois foi governador da Colonia.

10 O Brigadeiro.

11 Fernandes Pinto Alpoim, filho do brigadeiro, e particular amigo do auctor, morreu tenente-coronel na flôr dos annos, n'uma embarcação, que se perdeu á vinda da Colonia para o Rio de Janeiro.

12 Fernando Mascarenhas, capitão de granadeiros, mais tarde sargento-mór.

13 O tenente-coronel Gregorio de Castro Moraes, de illustrissima familia, que teve o governo do Rio de Janeiro no tempo da invasão do famoso Du Guay Trouin.

14 Os jesuitas tiveram a animosidade de negar por toda a Europa o que se passou na America, nos nossos dias, á vista de dois exercitos. O auctor o experimentou em Roma, onde muitas pessoas o buscavam, só para saberem com fundamento as noticias do Uruguay, testemunhando um estranho contentamento por encontrarem um americano que os podia informar miudamente de todo o succedido. A admiração que causava a estranheza de factos, entre nós tão conhecidos, fez nascer as primeiras idéas deste poema.

15 O tratado de limites das conquistas celebrou-se a 16 de janeiro de 1750, entre os reis D. João V, de Portugal e D. Fernando VI, de Hespanha. Este tratado feria os jesuitas na alma,

porque por elle se entregavam aos Portuguezes as terras que a companhia ha muito tempo possuia, como suas, na parte Oriental do rio Uruguay.

16 Como naquelle tempo se imaginava.

17 Os officiaes militares que foram fazer a demarcação chegaram ao posto de Santa Tecla e nelle acharam fortificados os Indios, que lhes impediram os passos.

18 Foram cincoenta estes prisioneiros. Alguns dos principaes foram remettidos para o Rio de Janeiro, onde o auctor os viu e fallou com elles. Confessavam ingenuamente que os padres tinham vindo em sua companhia até ao Rio Pardo e se tinham deixado ficar da outra banda. Mostravam-se surprehendidos da doçura que encontravam no trato dos Portuguezes. Diziam que os padres não cessavam de lhes intimar, nas suas pregações, que os Portuguezes tinham o diabo no corpo e que eram todos feiticeiros. Que em matando algum, para que não tornasse a viver, era necessario pôr-lhe a cabeça um palmo longe do corpo, o que elles religiosamente observavam.

19 Saiu o general Portuguez do Rio Grande de S. Pedro, a 28 de julho de 1754.

20 Jacui. Chegaram a elle em 7 de setembro.

21 Especie de barcos em que os nossos passam naquelle paiz os maiores e mais profundos rios. Fazem-se de couros de boi. Levam no fundo as cargas e em cima os homens, com os cavallos nadando á mão. Os Indios, que são robustissimos e grandes nadadores, tiram toda esta machina por uma corda, cuja ponta tomam nos dentes. Quem vae dentro leva na mão a outra ponta, largando-a mais ou menos, conforme julga ser necessario.

22 As tropas castelhanas retiraram-se logo que viram enfraquecida a cavallaria. Tinham-se mettido muito pela margem do rio, que estava rapada dos gados jesuiticos. Finalmente, não tinham vontade de entrar em Missões, nem até então estavam inteiramente persuadidos da intenção do rei. A maior razão de duvidar nascia das cartas que vinham da côrte de Madrid por uma occulta cabala. Os jesuitas tudo revolviam e machinavam mais que nunca.

23 Todos aquelles bosques e varzeas, por muitas e muitas leguas, são alagadiços e sujeitos a enchentes. Ha nações inteiras de Indios, que fazem as suas choupanas e vivem sobre as arvores. São dextrissimos em subir e descer, sem cordas nem genero algum de escada. As arvores são altissimas e teem, a maior parte do anno, as raizes na agua.

24 Talvez não se ache na historia outro successo semelhante. Foi necessaria toda a constancia do conde de Bobadella para ter dois mezes um exercito abarracado sobre as arvores.

25 Pequenas embarcações dos Indios feitas de um só tronco: nellas vinham, occultamente, fazer commercio com os Portuguezes e Hespanhoes.

26 *Post bellum auxilium.*

Segundo Canto

1 Aos 10 de fevereiro de 1756.

2 Todos os padres aprendiam a lingua dos indios e prohibiam a estes, contra a intenção do rei, usar de outra lingua que não fosse a sua nacional. Desta sorte ficava impossibilitada a commu-

nicação com os Portuguezes e Castelhanos e impenetravel o segredo do que se passava naquelles sertões. E, o que é mais, os proprios jesuitas jactavam-se desta especie de tyrannia na face de toda Europa:

Nescia gens nostri vivit. . . . .
. . . . ad interiora venire
Regna vetent homines cupidos audita videndi.
Vanier. Præd. rust. Lib. XIV.

3 « *Por estes Portuguezes se nos trazem a casa todos os presentes prejuizos. Lembrae-vos que nos tempos passados mataram a vossos defuntos avós. Mataram mais milhares delles por todas as partes, sem reservar as innocentes creaturas* ». Instrucções, etc.

4 Tinham positiva ordem dos padres para o não fazerem. *Os que nos aborrecem,* (por estas expressões caracterisavam os Europeus), *quando nos pretendam fallar havemos de escusar sua conversação, fugindo muito da dos Hespanhoes. Se acaso nos quizerem fallar, hão de ser cinco Castelhanos; nada mais. Não sejam Portuguezes, porque se vierem alguns dos Portuguezes, não lhes ha de ir bem. O padre, que é o dos Indios, e sabe a sua lingua, ha de ser o que sirva de interprete; então se fará tudo, porque a este modo se fará tudo como Deus manda e senão irão as cousas por onde o diabo quizer*». Instrucções, etc.

5 « *Não queremos ir aonde vós estaes, porque não temos confiança de vós outros*». Instrucções, etc.

6 Os padres faziam crer aos Indios que os Portuguezes eram gente sem lei, que adoravam sómente o ouro.

7 As suas riquezas eram immensas: as suas casas e os seus templos magnificos, fóra de quanto se póde imaginar na Europa.

Nem é necessario ir tão longe: mesmo no Rio de Janeiro tinham os padres, entre outras immensas terras, a fazenda de Santa Cruz; tão grande, que nenhuma daquellas opulentissimas familias se achou até hoje com fundos para compra-la. Tinham só nesta mais de mil escravos. O gado era sem numero. Apesar de tudo isto, é cousa certa que se lhes não achou dinheiro de consideração no seu sequestro. Poucos dias depois de partirem daquelle porto, apresentou-se ao conde de Bobadella um leigo pedreiro, dizendo que vinha descobrir o logar em que, por ordem dos padres, tinha escondido o dinheiro. Com effeito, já se não achou mais que o logar nos alicerces da igreja nova. Elles, assim que viram que o leigo despia a roupeta, fizeram-lhe uma ligeireza das suas...

8 Os Indios e os Hespanhoes fazem do *mate* o uso que os Chinezes fazem do seu *thé*. Este importantissimo commercio era todo dos jesuitas do Paraguay. Cultivavam as arvores que dão a tal folha e fabricavam-a e a faziam gyrar em surrões de pelle por toda a America Hespanhola. Só este negocio rendia em cada um anno muitos milhões, tudo devido ao suor dos miseraveis Indios.

9 *Semina nos colimos faustis, que jecimus agris.*
Vanier. Præd. rust. Lib. XIV.

10 Tambem não é necessario ir ao Uruguay para ter provas do excessivo trabalho dos Indios no serviço dos padres. Entre a villa de Santos e a cidade de S. Paulo ha uma serra muito ingreme e dilatada: não se póde subir a cavallo. O conde de Bobadella, o melhor cavalleiro do seu tempo, caiu duas vezes, logo á entrada, em cavallos que tinha escolhido para isso, entre muitos. Todos a sobem a pé com o seu cavallo pela mão. Os padres, como faziam voto de pobreza, contentavam-se em a subir e descer recostados em rêdes, ás costas dos miseraveis Indios: nem jámais passaram por ali de outra sorte. Este facto parece incrivel na Europa; mas o auctor attesta-o.

11 Estas expressões não são ornato da poesia: passou-se na realidade tudo o que o auctor aqui faz dizer a este Indio.

12 « *Estas terras no-las deu Deus e a nossos avós e por isso só as possuimos em amor de Deus*. «Carta sediciosa etc.».

13 Esta mistura de sagrado com o profano ou, para melhor dizer, aquelle fazer servir a religião aos seus fins particulares foi sempre o caracter dos jesuitas. Considere-se attentamente este, verso:

Non gentem imperio, sed religione tenemus.
Vanier. sup.

14 O padre Lourenço Balda foi um dos cabeças mais tenazes e que mais animava os Indios á rebellião.

15 Os jesuitas da America não eram tão escrupulosos como affectavam ser os da Europa. Era bem facil distinguir nas aldeias as indias, que gosavam do favor dos padres! Da mesma sorte se distinguiam muito bem, entre os outros, os rapazes da familia. Na Asia era o mesmo. Leia-se a carta do Bispo de Nankim a Benedicto XIV.

16 . . . . *quem candida Dido*
Esse sui dederat monumentum & pignus amoris.
Virg. Æn., Lib. V.

17 *Guaçú*, na lingua dos Indios, quer dizer *grande*. Alguns Indios mais soberbos juntam esta palavra ao seu nome, que fica soando desta sorte, entre elles, como sôam entre nós Carlos Magno, Alexandre Magno, etc.

18 Com este nome o traz Marcgr. Bras 242. Veja-se Linæ. System. Natur. Amphibia, Reptilia, Draco, I.

19 Apesar dos padres terem armado os Indios e feito quanto podiam para os disciplinar, estavam bem longe de poder resistir ás tropas regulares. Era necessario muita crueldade para entregar aquelles miseraveis á morte, sò por ambição e por capricho.

Terceiro Canto

1 E' dito por hypothese.

2 Quanto a miudo os jesuitas se serviam de semelhante expediente, nos casos mais apertados, só o póde ignorar quem nunca leu a Historia. A morte imprevista de Innocencio XIII, quando estava de todo resolvido a pôr cobro ás desordens dos Jesuitas, ainda não houve quem puzesse em duvida ser obra dos mesmos. A mesmo sorte teve o Cardeal Archinto. Em Roma é cousa publica que o Cardeal Passionei morreu de *accidente jesuitico*. Este purpurado dissera algumas vezes que esperava ter o gosto de ver, antes de sua morte, a total extincção da Companhia. Os jesuitas tiveram o orgulho de fazer-lhe este epitafio: *Dominico S. R. E' Card. Passion. S. J. superstes.*

3 Os Indios davam-se inteiramente a superstições e tinham, não só por verosimil, senão por certa, quanta extravagancia póde imaginar nesta materia: viviam na mais crassa ignorancia. Não lhes era licito saber mais do que aquillo que podia servir de utilidade á companhia. Toda a doutrina que lhes ensinavam se reduzia a atemorisa-los com o inferno, se não obedecessem, em tudo e por tudo, aos seus *santos padres*.

4 E' notorio quanto os jesuitas abusaram e pretenderam servir-se da calamidade publica, para consternar os povos e reduzi-los aos seus perniciosissimos interesses. De sorte que, a não ser a serenidade de animo do nosso monarcha, verdadeiramente imperturbavel, e a constancia do seu ministerio, ficava para sempre Portugal sepultado nas ruinas de Lisboa.

5 Providencia sobre o terremoto.

6 Desentulho da cidade.

7 Reedificação de Lisbôa, devida inteiramente á grandeza do coração de sua magestade e ao incansavel espirito do illustrissimo e excellentissimo senhor conde de Oeiras.

8 A Marinha Real, no florentissimo estado em que a vemos, não é a ultima gloria deste felicissimo reinado, gloria que se deve principalmente ao zelo do illm. e exmo. sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Pombal.

9 Nau feita no Rio de Janeiro, governando o illmo e exmo. sr. conde de Cunha, embutida de peregrinas madeiras de diversas côres, obra muito rara e admiravel no seu genero.

10 Só a posteridade poderá justamente avaliar esta acção, que será sempre a mais brilhante entre todas as do nosso tão applaudido ministerio Sem se dar este passo jámais poderia o reino sair da ignorancia em que o tinham.

11 Por aquelle famoso interdicto de Paulo V, os jesuitas, que n'umas escabrosas circunstancias queriam ter da sua parte a Curia. sairam de Veneza, onde, finalmente, depois de meio seculo, tornaram a entrar. Parece incrivel que os Venezianos se tenham esquecido totalmente desta acção.

12 Quando o auctor escreveu estes versos estava bem longe de imaginar que a maior parte do que nelles se contém se havia de cumprir em seus dias. Temos agora de mais a mais boas esperanças de ver cumprido brevemente o resto.

13 Gabriel de Malagrida, diabolico martyr, que cá deixou a Companhia para ultima prova do seu sedicioso e fanatico espirito. Os jesuitas espalharam pelos seus devotos, em Roma, uma estampa com estas letras: *V. P. Gabr. Malag. in Portug. pro fide occisus.*

14 Foi relaxado ao braço secular, etc.

Quarto Canto

1 Os jesuitas, que hoje negam altamente a verdade de factos tão evidentes, faziam n'outro tempo ostentação disto mesmo. Os versos seguintes são do já citado jesuita *Vanier*, na digressão a respeito dos Indios do Paraguay. *Præd. rust. XIV.*

............arma, ducesque paratos
Semper habent, Martisque truces formantur in usus.
Hæ operum requies, sacris jam ritè peractis,
Timpanaque & lituos festis audire diebus
Et peditum turmas, equitumque videre sub armis.

2 O marechal D. Miguel Angelo de Blasco, engenheiro mór do reino.

3 Balda.

4 Red. Ericú mal. 2, p. 53, tit. 31. Veja-se Linæ *Species plantarum.* Pentandr. Monog.

5 Este retrato é tirado ao natural de um leigo da Companhia, que o auctor conheceu.

6 Os Indios viviam na maior miseria. Apenas tinham as cousas necessarias absolutamente para a vida. Os padres, porém, viviam todos na abundancia e tinham jardins deliciosos, onde recolhiam os espiritos cançados de trabalhar na vinha do Senhor...

7 Cleopatra.

8 Os nossos ainda conseguiram salvar o templo, do qual se remetteu a planta e o prospecto a s. m. Os padres tinham mandado despedaçar as imagens e reduzir a pequenas partes o sacrario.

9 O general não se podia persuadir de que os riquissimos ornamentos tivessem sido bordados n'aquelle paiz, até que se lhe mostrou um que foi achado junto á sacristia, ainda imperfeito no tear.

Quinto Canto

1 As façanhas dos jesuitas não estavam sepultadas só no Uruguay. Quem se admirar da pintura deste templo considere attentamente a que elles têm na igreja do seu Collegio Romano e na da Casa Profana que, com estar cobertas da mascara da religião, não deixam de ser ainda mais soberbas e insultantes.

2 Henrique III, assassinado por Fr. Jacques Clemente. Quem ha que ignore quanta parte tiveram nisto os jesuitas? E' publico o processo do P. Guignard e o ardor com que a Companhia defende ainda hoje este seu digno filho. Vejam-se os seus auctores, principalmente os Jovency.

3 Na morte de Henrique IV soube-se esconder melhor a mão jesuitica; mas não se soube esconder nas duas occasiões antecedentes, em que se tinha intentado o mesmo parricidio. O padre Varade, superior da Companhia em Paris, foi quem desencaminhou o miseravel Barrière; levou-o ao seu cubiculo, deitou-lhe a sua benção, confessou-o, deu-lhe depois a communhão, etc. Os jesuitas do Collegio de Clermont e da sua igreja de Santo Antonio, por meio de praticas, conferencias, meditações e exercicios espirituaes, corromperam o espirito de Châtel.

4 Tragam-se á memoria a tarde de 5 de janeiro e a noite de 3 de setembro, tão funestas para a França e Portugal, e que podiam cobrir de lucto estas duas monarchias.

5 O throno da Companhia está em Roma. Lá é o centro do seu poder. Ali recebe o seu Geral os avisos do que se passa em todas as partes do mundo; e d'ali, com o maior despotismo, envia as ordens ao fim da terra. Extermina-la das outras provincias é fazer-lhe guerra pela rama: é necessario cortar-lhe a raiz. Ora os thesouros das duas Indias ajudavam muito a sustentar o credito dos jesuitas em Roma. Afortunadamente as presentes disposições annunciam a proxima total extincção daquelle Corpo.

6 Os jesuitas em Portugal eram chamados Apostolos. Observavam escrupulosamente a exterioridade do *misito illos binos*.

7 O rio Amazonas sae encanado com tal força, por uma bocca de oitenta leguas, que lança agua doce n'uma grande extensão.

8 Os jesuitas até se jactam nas suas historias de ter descoberto a origem do Nilo.

9 Não ha palavras que expliquem bastantemente a sujeição em que viviam aquelles Indios. Vejam-se os fragmentos das Cartas do conde de Bobadella, citadas na *Republica*, etc.

10 Os jesuitas do Brasil tinham uma fragata magnifica, na qual o provincial saia todos os annos, a titulo de visitar a provincia; na realidade, porém, era a que fazia a maior parte do commercio que aquelles portos têm entre si. Emquanto a fragata recebia carga estavam ociosas todas as outras embarcações, sendo os fretes daquella mais caros, allegando elles ir a fazenda mais segura. Ora os jesuitas nas alfandegas nunca pagaram direitos. O seu lucro era immenso. Para se conseguir melhor este fim espalharam pelo povo uma prophecia do seu padre Anchieta, dizendo que aquella fragata nunca se perderia. Encalharam-a, finalmente, e fizeram outra, que custou cincoenta mil cruzados. E, sendo-lhes necessario perpetuar aquella santa impostura, mandaram pregar na nova algumas taboas da velha e persuadiram aquelles bons negociantes de que bastava aquella parte para communicar a virtude ao todo. O auctor viu muitas vezes esta fragata e entrou nella. Trazia flamula e bandeira com a insignia da Companhia e tinha, de mais a mais, excellente artilheria. Ao entrar e sair dos portos recebia todas as honras que se fazem ás náus do rei.

11 Os jesuitas da China, no anno de 1645, aproveitaram-se da divisão daquelle grande imperio entre os dois pretendentes, para o entregar ao Kam dos Tartaros. Foram, em premio, elevados á dignidade de Mandarins e ornados com ricos vestidos e colares, que se podem ver na estampa que nos deixou o P. Bonani no *Catalogo dos Religiosos*, etc.

12 E de mais a mais o servirem-se, para nomear o verdadeiro Deus, das vozes *Tien*, Céo e *Xanti*, Supremo Imperador e fazerem certas oblações aos seus defuntos.

13 Sacerdotes da China.

14 E bem a pesar della, que, emfim, cansou de luctar por mais de um seculo com a animosidade dos jesuitas. O fructo

que se tirou dos Decretos das Sagradas Congregações, publicados em 1645, foi igual ao que tirou Monsig. Maigrot em 1693, o Cardeal de Tournon em 1704, Clemente XI em 1710, Benedicto XIII em 1727, Clemente XII em 1734, Benedicto XIV em 1742. Com tudo isto ainda hoje não cessam de repetir que são a guarda pretoriana do Papa. E o peor é que fallam verdade:

En ses Pretoriens Rome eut autant des traites,
Ils marchandaient l'Empire e lui donaient des maitres.
Le Philosophe de Sans-souci dans l'Epitre á Darget.

15 Confucio.

16 *Qualia fort dolent dites Orientis ad oras.*
. . . . . . *erepta* . . . . *sibi regna* . . . .
Vanier. supr.

17 Os jesuitas, com as suas restricções mentaes, não duvidaram ao principio calcar o crucifixo, para não perderem aquelle riquissimo commercio. Quem quizer fazer conceito da extensão desta e de outras curiosidades nesta materia, leia as viagens de Mr. Duquesne, mandado por Luiz XIV ás Indias Orientaes. Tom. III, pag. 81.

18 Os padres Garnet e Oldecorne, réos convictos e confessos da conjuração da polvora.

19 Veja-se a *Deducção Chronologica*, obra que marcará epoca na restauração das Letras em Portugal, monumento de zelo e de fidelidade.

PUBLICAÇÕES DE ALVES & COMP.

José Verissimo: A PESCA NA AMASONIA
vol. br. 1$

Emilio A. Goeldi: OS MAMIFEROS DO BRAS
1 vol. br. 1$

Emilio A. Goeldi: AS AVES DO BRASIL 1 v
br. 1$

Nos prélos

Sylvio Roméro: CONTOS POPULARES DO BR
SIL, (Folk lore brasileiro) 1 vol. $

Sylvio Roméro: CANTOS POPULARES BR
SILEIROS (Folk lore brasileiro) 1 vol. $

Sylvio Roméro: EVOLUCIONISMO E POSIT
VISMO NO BRASIL (Doutrina contra Doutrina) 2
edição melhorada 1 vol. 3$00

Castro Alves: ESPUMAS FLUCTUANTES $

P.

MASONI

)O BRA

ASIL 1

DO B

S BR

POSI

ina)

380

S